



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

ANTONIO HENRIQUE DE GÓIS NETO

A DISLEXIA: ANÁLISE DO FILME “COMO ESTRELAS NA TERRA”

GUARABIRA

2019

ANTÔNIO HENRIQUE DE GÓIS NETO

A DISLEXIA: ANÁLISE DO FILME “COMO ESTRELAS NA TERRA”

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em História.

Orientadora: Prof^a. Pós-Dr^a. Susel Oliveira da Rosa.

GUARABIRA

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G616d Gois Neto, Antonio Henrique de.
A dislexia análise do filme "como estrelas na terra"
[manuscrito] / Antonio Henrique de Gois Neto. - 2019.
19 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa ,
Departamento de História - CH."
1. Dislexia. 2. Educação. 3. Filme. I. Título
21. ed. CDD 371.914 4

ANTÔNIO HENRIQUE DE GÓIS NETO

A DISLEXIA: ANÁLISE DO FILME “COMO ESTRELAS NA TERRA”

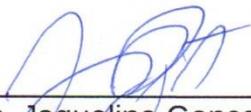
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em História.

Aprovada em: 22 / 11 / 2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Pós-Dr^ª. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Ms. Jaqueline Gonçalves Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Mestranda Genilma Ricardo da Silva
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

A minha família, namorada e a
minha orientadora pela dedicação,
companheirismo e amizade,
DEDICO. .

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que fizeram parte da minha jornada acadêmica durante estes vários anos de minha vida. Amigos e companheiros que estiveram comigo, compartilhando experiências e momentos memoráveis.

A minha namorada Rose que sempre está ao meu lado, ajudando e dando forças nos momentos difíceis e me alegrando com a sua presença.

A professora Susel, minha orientadora, por ser uma presença iluminada que irradia sabedoria e boas energias.

A minha irmã, Doracy Montenegro. Pelos momentos compartilhados e por me apoiar ao longo do curso.

Ao meu amigo Allan Marcus, pelos papos filosóficos e momentos agradáveis que compartilhamos.

Ao jardineiro, Adriano, ex-funcionário da UEPB, Campus III. Pelas conversas memoráveis e plantinhas que agora estão lindas.

Quando as aves falam com as
pedras e as rãs com águas – é de
poesia que estão falando.

Manoel de Barros

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO9

2. A HISTÓRIA DA DISLEXIA (LEIA AS LETRAS DANÇARINAS):10

3 COMO ESTRELAS NA TERRA: UMA VIAGEM DENTRO DA DISLEXIA.13

3.1 Confrontando o abismo:14

3.2 Professores são flautistas mágicos.17

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.19

REFERÊNCIAS20

RESUMO

O presente trabalho analisa o filme “Como estrela na terra” e o documentário “Viajem dentro da dislexia”, buscando levantar questionamentos sobre o tema “dislexia”, orientando pais e professores à práticas pedagógicas que possam auxiliar dislêxicos no processo de alfabetização, assim como informar aos portadores desta especialidade sobre as características da dislexia e como podem lidar com os desafios que lhe serão impostos, desta forma contribuindo para um maior autoconhecimento; fundamental para uma vida de maior qualidade.

Palavras chaves: Dislexia, educação, filme.

ABSTRACT

The present work analyzes the film "As a star on earth" and the documentary "Travel within dyslexia", seeking to raise questions about the theme "dyslexia", guiding parents and teachers to pedagogical practices that can help dyslexics in the literacy process, as well as informing patients with this specialty about the characteristics of dyslexia and how they can cope with the challenges that will be imposed on them, thus contributing to greater self-awareness; fundamental to a higher quality life.

Keywords: Dyslexia, education, film.

1. INTRODUÇÃO

Pouco se fala sobre a dislexia, mas isso não esconde o fato que a vida de um dislêxico é repleta de desafios ocasionados pela falta de conhecimento por parte da sociedade. Nos primeiros anos de ensino, na escola regular, estas pessoas muitas vezes são confrontadas duramente por não conseguirem se adequar aos padrões de desempenho e comportamento exigidos. Por causa disso acabam sendo tachadas com nomes pejorativos, que as inferiorizam e causam sérios problemas em suas autoestimas. Mas o que ocasiona este preconceito e como lidar com ele? Acredito que para entender melhor a dislexia é preciso dar voz aos dislêxicos, tornando-os visíveis, não apenas como objeto de pesquisas acadêmicas, mas como indivíduos com uma história para contar.

Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a apresentar elementos da vida e dramas pessoais de crianças e adultos dislêxicos e como a escola e a comunidade pode interagir com eles, para auxiliá-los a superar os seus desafios sem gerar transtornos que deixam graves sequelas na autoestima destes indivíduos, ainda tão incompreendidos por fugirem a diversos padrões de maneira tão natural que se tornam misteriosos (atípicos) aos olhos daqueles que os observam e não conseguem compreender os motivos que os levam a serem tão diferentes. Para essa análise baseei-me no longa-metragem indiano “Como estrelas na Terra: Toda criança é especial” (2007) que retrata com riqueza de detalhes o imaginário de crianças dislêxicas: sempre mais interessadas em permear o mundo de fantasias de suas mentes férteis em vez de encarar as obrigações cotidianas.

O filme se torna uma importante ferramenta por demonstrar de maneira sensível este mundo de fantasias, assim como os atritos que este estilo de vida diversificado gera com aqueles que estão desejosos por conduzir a criança a se adequar as normas sociais. Posso afirmar isso com clareza por ser também disléxico e ter sentido na pele as frustrações do garoto Ishaan (protagonista do filme). Também passei por diversas provações, sobrevivi e estou aqui para contar a história. Este TCC é a prova de que a dislexia não é um fator imobilizante, nem sinônimo de fracasso, são apenas outro tipo de organização cerebral e cabe aos disléxicos, mais do que todos, descobrir do que se trata e auxiliar com o possível as novas gerações (assim como acontece no filme).

É importante salientar que, por mais que se trate de um filme indiano, podemos ver nele diversos aspectos de nossa sociedade, assim, pois, como é sabido, a Índia fora por diversos anos colônia da Inglaterra, que cuidou em permear o país com diversas tradições ocidentais muito comuns a nós, brasileiros, inclusive o gosto pelo cinema. O cinema indiano é o que mais produz no mundo, superando até mesmo os Estados Unidos e o Japão, que comumente acreditamos serem os maiores produtores de entretenimento audiovisual (longas-metragens e afins). Este TCC também é um convite a conhecermos um pouco mais sobre as produções indianas, que em nada deixam a desejar comparadas aos filmes de Hollywood.

Também farei uso do documentário “Viagem dentro da dislexia” (2011), produzida pela HBO¹. As duas obras em questão são facilmente encontradas no You Tube e estão à disposição do público em geral para maiores esclarecimentos. Como uma das características da dislexia (que talvez seja a mais marcante) é a dificuldade em manter o foco por demasiado tempo durante a leitura (especialmente no que diz respeito a textos acadêmicos como este) o uso de materiais audiovisuais como documentários e filmes se torna mais interessante e até mesmo vital para o aprendizado, sendo importantes ferramentas de acessibilidade que devem ser utilizadas da melhor maneira possível.

Encontrar essas duas obras foram marcos fundamentais na minha vida, por isso optei em trabalhar com elas. Reconheço o potencial que possuem de esclarecer diversas dúvidas a respeito da dislexia para aqueles que não a possuem e de gerar identificação imediata nos que são disléxicos (assim como eu) e necessitam fugir aos estereótipos, que é o primeiro passo para o autoconhecimento e uma vida de maior qualidade. Venho a vocês, agora, com este presente trabalho, no intuito de fazer conhecidas estas duas maravilhas, que durante as minhas pesquisas foram as que mais me comoveram e geraram novas implicações, levando-me a desejar se aprofundar no assunto. São obras libertadoras que me fazem pensar que ainda subestimamos o poder do audiovisual na educação e no desenvolvimento humano. A vida também pode ser uma obra de arte.

2. A HISTÓRIA DA DISLEXIA (LEIA AS LETRAS DANÇARINAS):

Antes de começar a falar do filme “Como estrelas na Terra” é preciso o conhecimento prévio do que vem a ser a dislexia, ou como eu prefiro falar;

¹Home Box Office

como ela foi inventada. Assim como nos fala a professora e escritora Dr. Maryanne Wolf no documentário “Viajem dentro da dislexia”:

Nós (humanidade) lemos a apenas cinco mil anos... não é nada! É uma coisa incrível pensar que esta é uma das invenções mais novas da espécie, mas as crianças entre nós com dislexia sempre existiram e existem por uma razão; elas têm um papel muito importante em usar o cérebro em nosso designer, em nossa arte, em nossa construção e pensar de novas maneiras. Elas fazem isso a mais de cinco mil anos, só nos últimos cem anos as chamamos de “alguma coisa com um nome que pareça uma doença”.

A História da dislexia começa muito antes dela assim ser chamada. Antes mesmo da ciência começar a engatinhar, já existiam “disléxicos”, antes da palavra “dislexia” ser inventada e teóricos discutirem a seu respeito, os “disléxicos” já existiam, contribuindo com seus dons na vida pública, arquitetando seus planos mirabolantes de desvendar os mistérios do mundo, lutando contra uma língua escrita que, para eles, pouco sentido fazia, mas mesmo assim encontrando outras alternativas para superar suas limitações. Falar da História da Dislexia é, na verdade, falar sobre o processo de coisificação dos “disléxicos”, de como passaram de pessoas comuns, perdidas na multidão, para seres destoantes, fora da “normalidade”, “deficientes”, “especiais”.

É interessante percebermos que o surgimento das diversas “anormalidades” no processo de aprendizagem, nas quais a dislexia se inclui, coincidem com a institucionalização do ensino; inicialmente na França no século XIX, onde surgiram “as primeiras escolas públicas, obrigatórias e formalmente organizadas”, como nos aponta Giselle Massi (2007, p.25). O que aconteceu foi que em meio aos alunos que conseguiam um desempenho considerado “aceitável” existiam aqueles que não conseguiam se desenvolver pelos métodos tradicionais. Estes alunos foram despertando a curiosidade de professores e médicos que buscaram descobrir os motivos que os levavam a se comportar de tal maneira, seja devido as notas baixas, por serem inquietos e desobedientes demais ou indiferentes a interações sociais. Infelizmente, neste processo de descoberta (ou invenção) do que vinha a ser estes tais “distúrbios” muitos equívocos foram cometidos, gerando uma série de preconceitos que persistem até os dias atuais.

No caso da dislexia, o que despertou a curiosidade destes professores e estudiosos foi o fato de que alguns alunos apresentavam sérias dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. Várias teorias foram criadas para explicar este fenômeno, como relata Tellechea:

Em 1872, Berlin utiliza pela primeira vez o termo dislexia, que, posteriormente, foi usado por Kerr. Em 1896, Morgan publica, no British Medical Journal (BMJ), o interessante caso de um adolescente com incapacidade para ler, embora, se avaliado cognitivamente, deveria ter condições peculiar de “cegueira verbal”. Em 1907, Stevenson mantém essa terminologia ao relatar o estudo, em uma família, de seis casos de “cegueira verbal”, já apontando para o aspecto genético (Tellechea, 2016. p.133).

Como nos aponta Tellechea no texto acima, em princípio acreditava-se que a dificuldade na leitura apresentadas pelos disléxicos se tratada de um problema visual, denominada de “cegueira verbal” ou “cegueira das palavras”

(dependendo do país em que se estava). Estudos médicos foram sendo publicados, fazendo com que estes casos se tornassem conhecidos pelo mundo todo. As causas da cegueira verbal, em primeiro momento, eram relacionadas a traumatismos cranianos que deixavam sequelas nas regiões do cérebro responsáveis pela visão (mais especificamente, na parte responsável por enxergar as palavras), no entanto esses estudos eram realizados em adultos que já haviam adquirido a capacidade de ler, mas que a tinham perdido devido a alguma fatalidade, mesmo assim era comum que crianças ainda em processo de alfabetização fossem diagnosticadas com cegueira das palavras, mesmo jamais tendo sofrido quaisquer danos cerebrais.

Em 1917, influenciado por estudos relacionados a adultos que haviam sofrido lesão cerebral e ciente do caso descrito por Pringle Morgan², Hinshelwood propôs que dificuldades relativas à aprendizagem da escrita em crianças poderiam ser explicadas em função de um suposto dano congênito do giro angular, localizado na zona pósterio-inferior do lóbulo temporal (Massi, 2007. P:28).

Percebiam que estes conhecimentos científicos apenas catalogavam e levantavam hipóteses sobre o comportamento cerebral, sem se preocupar diretamente com a aplicabilidade destes conhecimentos para ajudar as crianças no processo de aprendizagem. A rotulação destes indivíduos (os disléxicos) como anormais, por portarem características que os “impossibilitariam” de aprender a ler comumente, gerou (e ainda gera) grande inquietação nos pais destas crianças, que passaram a recorrer a tratamentos médicos, não pedagógicos, que visavam “curar” a diferença em vez de ajudar a conviver com ela. Assim como relata Tellechea “Em 1925, era frequente, nos Estados Unidos, o encaminhamento de crianças com dificuldades para ler, escrever e soletrar para Unidade de saúde Mental³” (2016. p:133).

Foi apenas com os avanços tecnológicos da neurologia, através do uso de sofisticados equipamentos de ressonância magnética, que se tornou possível descobrir as reais causas da dislexia, esta que não está relacionada com a visão, nem com a capacidade de aprender, como pensavam anteriormente, mas com áreas cerebrais específicas, que auxiliam na decodificação das palavras, assim como nos fala o Dr. William Keeney, no documentário “viagem dentro da dislexia”. Quando perguntado, por alunos disléxicos, sobre o assunto, ele os ensina o que é, atualmente, a explicação científica mais aceita para elucidar o que vem a ser a dislexia.

“[...] Tem a ver com a leitura, escrita e soletração, não com raciocínio. Não é a mesma coisa que uma dificuldade de aprendizado. Quando uma pessoa aprende a ler, tem uma parte do cérebro bem aqui (parte lateral da cabeça, logo acima do ouvido

²Pringle Morgan: Médico inglês que em 1896 atendera um menino de 14 anos que relatou dificuldades na leitura, apesar de se considerar inteligente e muito bom em matemática. Ele fora diagnosticado com “cegueira verbal congênita”, apesar de possuir uma visão normal.

³Em outras palavras, para os manicômios; O que reforçou ainda mais os preconceitos, pois os disléxicos passaram a ser vistos como seres incapazes de conviver em sociedade, sendo um perigo para a ordem pública e que, portanto, deveriam viver sobre constante vigilância e altamente medicados.

esquerdo)chamado “giro angular⁴”, que faz o trabalho de tradução... de “pegar” os símbolos e transforma-los em sons. É aprendido, mas algumas pessoas aprendem e esta parte do cérebro se ativa muito rápido em suas vidas. Com cinco ou seis anos, com um pouco de instrução, com um pouco de noção de fazer... um pouco de prática essa área do cérebro se ascende. Há outras pessoas (os disléxicos) que não é esta área do cérebro que se ascende, mas a área do “córtex pré-frontal⁵”, o que significa que você está raciocinando pra fazer isto (ler e escrever) [...] outras áreas do cérebro se ascendem e não são tão eficientes quanto aquela outra (giro angular) [...] isso consome literalmente e sensivelmente cinco vezes mais energia para fazer a mesma coisa, então se vocês (disléxicos) ficam exaustos enquanto leem, este é o motivo” (Keeney.11:13).

A ressonância magnética, que possui o impressionante poder de mapear o cérebro e descobrir quais áreas são ativadas durante cada atividade, mudou drasticamente a maneira com que a dislexia e demais especialidades são compreendidas, apesar de ainda persistirem diversos preconceitos; heranças do cientificismo⁶ prepotente que reinou durante dois séculos (XIX e XX) e que ajudou a edificar uma série de atrocidades, dentre elas: duas guerras mundiais e diversos genocídios, que não foram apenas o dos judeus em campos de contratação nazistas, nem dos povos negros da África, mas de qualquer pessoa que não se encaixasse nos padrões de normalidade (aonde se inclui os disléxicos) dentro dos vários manicômios espalhados pelo mundo.

Um dos grandes desafios dente novo século (XXI) vem sendo o de se apropriar, não apenas dos conhecimentos científicos, mas das artes, da cultura em geral e dos campos da subjetividade para criar mecanismos adequados a educação de jovens e adultos. O papel inclusivo que a escola deve desempenhar é de vital importância para a criação de uma sociedade justa, onde as diferenças são respeitadas e cada pessoa possa se desenvolver sem ter que sofrerpreconceitos que de nada servem, além de gerar conflitos e exclusão social. Isso é sempre importante lembrar.

3. COMO ESTRELAS NA TERRA: UMA VIAGEM DENTRO DA DISLEXIA.

Para analisar um filme é preciso um olhar criterioso e ao mesmo tempo sensível as pequenas minúcias e simbolismos que cada cena é capaz de esconder. Gosto de acreditar que, em uma trama bem elaborada, nada é por acaso, nem mesmo a palheta de cores utilizada nas filmagens. Analisar um

4Giro angular é uma região do cérebro envolvida em inúmeros processos relacionados a linguagem, processamento de números, cognição espacial, resgate de memórias, atenção e a teoria da mente. Estimulação nessa área pode causar uma impressão de que se está fora do próprio corpo, aparentando ser uma viagem astral (fonte: Wikipédia).

5O processo neuropsicológico mais importante relacionado com o córtex pré-frontal é a função executiva. Esta função se relaciona a habilidades para diferenciar pensamentos conflitantes, consequências futuras de atividades correntes, trabalho em relação a uma meta definida, previsão de fatos, expectativas baseadas em ações, e controle social. Planejamento, tomada de decisão, controle inibitório, atenção e memória de trabalho são consideradas funções que podem ser classificadas como funções executivas, com uma ativação predominante do córtex pré-frontal (fonte: Wikipédia).

6Concepção filosófica de matriz positivista que afirma a superioridade da ciência sobre todas as outras formas de compreensão humana da realidade (religião, filosofia metafísica etc.), por ser a única capaz de apresentar benefícios práticos e alcançar autêntico rigor cognitivo”. “Tendência intelectual que preconiza a adoção do método científico, tal como é aplicado às ciências naturais, em todas as áreas do saber e da cultura (filosofia, ciências humanas, artes etc.) (fonte: Wikipédia).

filme é mergulhar em um mar de subjetividades, que ao mesmo tempo que revela aspectos concretos sobre o mundo e dramas humanos, nos permite criar uma interpretação particular, baseada em nossas próprias experiências de vida.

Não pretendo criar uma interpretação definitiva para o filme (Como estrelas na Terra), apenas compartilhar as experiências que tive ao assisti-lo. Desta forma, é importante salientar que, ficará a cabo de cada um de vocês criar as suas próprias subjetividades ao assisti-lo, o que eu espero que façam em breve; ao terminar esta leitura ou, de preferência, antes de começá-la, pois desta forma poderão evitar os tão indesejáveis *spoilers*.

Em resumo, o filme acompanha a trajetória do garoto Ishaan, que aos 8 anos de idade foi transferido da escola “normal” para um colégio interno depois de ter sofrido várias reprovações por causa de suas notas abaixo da média. Desacreditado pelos professores, que não enxergavam nele quaisquer potenciais, Ishaan sofre duras humilhações ao mesmo tempo que tenta lidar com o distanciamento da família, em especial da sua mãe, a quem era muito apegado. A tristeza lentamente corrói o garoto, ao ponto de criar uma total apatia a qualquer estímulo que lhe fosse dado, até mesmo para a pintura, que antes era o seu divertimento predileto. Mas tudo isso muda quando um professor de arte substituto chega ao internato.

3.1 Confrontando o abismo:



1:09:46

Ao analisar um filme, sempre me atenho aos momentos de reviravolta, que são as partes onde o contexto anterior começa a mudar de figura, se transformando para que possa desencadear o que virá a ser o desfecho final, ou “clímax” da história. Estes momentos de tensão são os que mais nos permitem análises profundas, pois nos mostra uma espécie de “antes e depois”, abrindo a narrativa em cruz, colocando em um dos braços o passado e no outro o futuro criado a partir desse momento chave, que vem a ser o centro conector das duas extremidades. Por isso optei por começar a interpretação do filme “Como estrelas na Terra” a partir do momento que, para mim, vem a ser o de maior tensão e também o mais reflexivo, a qual ousei chamar de “confrontando o abismo”, por ser uma alusão ao suicídio.

Desatento durante as aulas, desorganizado ao lidar com tarefas simples, até mesmo para alguém de sua idade, problemático no trato com outras crianças, o que acarretava em brigas constantes, desobediente com os mais velhos (pais e professores)... Ishaan poderia ser considerado por muitos o modelo perfeito da imperfeição. Estava sempre atrasado para ir à escola, brincava na hora de fazer coisas sérias, sempre inventando uma desculpa para fugir das obrigações. O que para muitos era apenas chato, para o menino era insuportável e totalmente repulsivo.

Para muitos pais é motivo de vergonha ter filhos que não se destacam entre os demais colegas na vida acadêmica. As constantes cobranças por um bom comportamento e boas notas apenas reforçam os atritos na família de disléxicos, criando uma relação conflituosa, onde os dois extremos não se conversam, nem se compreendem, por não entenderem um ao outro, nem a si mesmos. Este preconceito se tornou algo enraizado dentro do corpo social; iniciado durante o processo de alfabetização, ele toma forma e dimensão ao longo da vida dos disléxicos (e também dos demais portadores de especialidade), que acabam por assimilar o discurso cientificista, que os rotulam como incapazes, dificultando a vida profissional durante a fase adulta... isso quando conseguem chegar até essa idade; pois muitos optam por interromper a jornada antes disso. Assim como relata Justin (também disléxico) no documentário “Viagem dentro da Dislexia”.

“Na sexta série tentei suicídio e foi bem sério. Eu fui admitido no hospital para ficar sobre vigilância por algumas semanas. Eu desisti de tudo e parei de fazer tudo. Eu estava muito frustrado por não conseguir expressar o que eu estava pensando nos trabalhos e nas provas... em nada.”

Na cena do filme em questão (1:09:46), do alto de suas dúvidas e angustias, simbolizado pelo último andar do internato que o enclausurou, Ishaan, o protagonista do filme, encara o vazio de sua própria existência com olhos perdidos no abismo, simbolizando o seu futuro incerto que se arquiteta a sua frente. As cores sombrias e a trilha sonora mórbida acentuam o sentimento de tristeza que impregna a tela. Ele ainda não sabe que é disléxico, que possui uma maneira diferente de aprender, não compreende a si mesmo, nem consegue expressar aquilo que sente, portanto aceita os discursos preconceituosos que afirmam que é incapaz e assim como Justin, “desiste de tudo”.

Acompanhamos ao longo desta última década uma crescente preocupação com o suicídio, simbolizado por ações sociais como o setembro amarelo, dentre outras. Isso se deve aos crescentes casos de suicídios, junto com quadros de depressão e ansiedade, que assolam o mundo inteiro. Pensar o suicídio além do senso comum nos leva a questionar a sociedade e o papel que esta desempenha no subconsciente de cada indivíduo.

No caso da dislexia isso se deve a pressão psicológica feita por pais e professores para que seus filhos se adequem ao sistema normal de ensino, sem compreender os motivos que os fazem ter dificuldades em aprender da forma que lhe é imposta, resultando na rotulação desses indivíduos como inferiores ou incapazes, o que não condiz com a verdade, assim como fala Ben Foss, no documentário “Viajem dentro da dislexia”.

“Superar a dislexia é uma expressão capciosa que sugere um interesse em “consertar” as pessoas. Eu não preciso ser “consertado”! Com os meios externos eu fui bem sucedido. Eu tenho MBA na Stanford, eu tenho um emprego no Vale do Silício, eu tenho uma vida feliz, eu tenho uma esposa incrível, eu tenho uma casa... eu tenho tudo que deveria ter no sonho americano. Preciso me superar? Não!” (Ben Foss. 59:29).

Através deste relato fica claro que o abismo representado no filme não é a dislexia a ser “superada” ou “consertada”, mas os preconceitos que enchem os pensamentos sobre o futuro de incertezas aterradoras, de medos sufocantes, reprimindo a sua cor e beleza, transformando-o em algo opaco, mórbido e depressivo. Interferindo também no modo com que o indivíduo enxerga a si mesmo, criando sentimentos de exclusão e desesperança. Assim como nos fala Jonathan Mooney no documentário “Viajem dentro da dislexia”.

“Eu não superei a dislexia. Eu tenho orgulho de ser disléxico. Eu tenho orgulho de fazer parte dessa comunidade [...] sabem o que eu superei? Eu superei o desensino, eu superei o mito de que existe apenas um modo de aprender e que se você não se encaixa nesse modo, você tem algo de errado.”

O mesmo afirma que durante a sexta série possuía planos de suicídio, depois de ter sofrido com o desensino ao qual se refere. Jonathan Mooney e Ben Foss relatam que conseguiram se tornar bem sucedidos apesar das dificuldades na leitura que ainda os acompanham na vida adulta. Os dois, assim como outros tantos disléxicos, se mostraram inventivos no trato com os desafios. A exemplo de Ben Foss, que teve a brilhante ideia de projetar um aparelho eletrônico com uma câmera embutida capaz de decodificar fotos tiradas de textos, convertendo-as em voz digital, desta forma o fazendo conseguir acompanhar a leitura com o auxílio desta engenhosa ferramenta. Ele relata:

“Os computadores estão duplicando a sua capacidade a cada dois anos... a cada dezoito meses. Então eu sabia que logo eu seria capaz de colocar tudo junto em uma “caixa” e comecei a pensar em como projetá-la. O que eu inventei foi “tire uma foto e ouça”, “aponte, fotografe, ouça” [...] eu acredito que essa tecnologia é a “rampa para o livro” e essa é uma personificação dela. Existirão muitas outras por aí no futuro. Eu me dedico a torná-las acessíveis para mais e mais pessoas, porque, se você tem esse acesso, então tem acesso ao texto e no fim você tem acesso à esperança e ao auto respeito” (Ben Foss 01:01:36).

Em sua fala Ben Foss se mostra visionário em afirmar que “existirão muitas outras por aí no futuro”, demonstrando uma ânsia em ver sua invenção sendo aprimorada para auxiliar cada vez mais pessoas. A “rampa para o livro”, assim como ele se refere, já é uma realidade, sendo encontrada em modelos mais modernos, inclusive como aplicativos de celular que podem ser baixados gratuitamente. Eu já fiz uso de semelhante tecnologia e posso afirmar que é como ter uma lanterna durante um apagão, mas infelizmente nem todos

possuem o conhecimento da existência de tão maravilhosa ferramenta e ainda tateiam no escuro em busca de alguma saída do abismo do desensino. É nessas horas que um professor munido das intenções e informações corretas pode desempenhar papel redentor na vida de um aluno, assim como é mostrado no filme “Como estrelas na Terra”.

3.2 Professores são flautistas mágicos.



(01:11:10)

Muito falei de como a ação prepotente de professores pode ser nociva na vida de portadores de especialidades, mas o que fazer diante do desafio de ensinar alunos disléxicos? Reconheço as dificuldades que os educadores enfrentam. As escolas nem sempre oferecem o suporte necessário e mesmo que exista a intenção de se fazer um trabalho bem feito, que realmente faça a diferença na vida desses alunos, muitas barreiras podem ser encontradas pelo caminho. Uma delas é o apego ao método tradicional.

Não é fácil sair da zona de conforto e muitos professores se sentem lesados ao se depararem com novas metodologias, que fogem às aulas tradicionais que estão acostumados a repetir várias vezes. No filme “Como estrelas na Terra”, essa dificuldade é sentida pelo professor Ram Shankar Nikumbh, que personifica a empatia, a inventividade e o carisma, qualidades difíceis de se obter, mas que todo educador deveria almejar. Ao se revelar para os alunos como uma flautista mágico, em seu primeiro dia de aula, ele se torna motivo de chacota entre os seus colegas de trabalho, mas desta forma consegue nos revelar o real poder que os professores possuem na vida dos alunos, que é muito maior do que costumamos imaginar.

Dizem que, há muitos anos atrás, em uma cidade chamada Hamelin, um flautista encantou todas as crianças do lugar com o hipnotizante som de sua melodia. Qual poder misterioso este indivíduo possuía, é algo desconhecido, mas posso aqui dizer que era, na verdade, o seu carisma. Algo nele era diferente dos demais adultos, por isso as crianças se viam atraídas a seguir os seus passos e juntas marcharam para além dos muros da cidade.

Observamos na cena (01:11:10) uma alusão ao conto do Flautista de Hamelin, mostrando como a presença libertadora em um indivíduo (o professor) dentro de um contexto de opressão, onde os corpos se mantêm regradados (como era o caso do colégio interno em que a trama se passa e

também da cidade de Hamelin, que, diz a história, estava empestada por ratos e adultos gananciosos) pode gerar comoções capazes de mudar drasticamente a maneira com que as novas gerações enxergam o mundo.

Depois de descobrir que em sua turma existia um aluno disléxico, o nosso flautista realiza uma aula especial para explicar o que é a dislexia (cena 01:49:13), com o detalhe que ele o faz sem dizer em um só momento que se trata de um transtorno de aprendizagem; em vez disso ele fala de um dom, algo mágico que está latente dentro de pessoas excepcionais que foram agraciadas para trazer ao mundo a novidade de coisas incríveis.

Aqui chegamos a um ponto muito interessante sobre a dislexia: O fato de que uma parte considerável dos grandes gênios da humanidade eram disléxicos. Abaixo segue os exemplos citados pelo professor Ram no filme “Como estrelas na Terra: Albert Einsteins, Leonardo da Vinci, Thomas Alva Edison, Abhishek Bachchan, Pablo Picasso, Walt Disney, Niel Diamand e Agatha Christie. A lista de disléxicos famosos é mais extensa e conta também com nomes como Isaac Newton e Vincent Van Gogh, cada um deles com uma história de vida que remete à busca por superação, ultrapassando os abismos do desensino e deixando no mundo a marca de seus passos; como quem caminha na mata fechada deixa trilhas abertas para quem vem a seguir.

Ao dar ao jovem Ishaan vários referenciais a quem poderia seguir, o nosso flautista transforma o imaginário que o garoto possuía sobre si mesmo, fazendo-o perceber que não está sozinho no mundo, pois se muitos que eram semelhantes a ele conseguiram superar suas dificuldades, assim também poderia fazer. A feição do garoto muda no mesmo instante. Ishaan se rende ao carisma do flautista, que se torna seu mestre e companheiro.

Porém, o poder de cativar do professor Ram se demonstra ir muito além das crianças. Depois de conseguir a confiança de Ishaan, ele inicia o processo de transformação da escola para poder acolhê-lo melhor. Não sem muitos esforços, Ram consegue convencer o diretor da escola e também os pais de Ishaan que o menino conseguiria aprender a ler e escrever com facilidade se fosse ensinado de uma maneira diferente e que, ao contrário do que pensavam, ele era um indivíduo dotado de uma inteligência excepcional, que o distinguia dos demais.



(02:04:41)

Dentre as alterações que ele exigiu que fossem feitas no modo de ensino, estavam: que Ishaan fosse avaliado oralmente em provas e que a sua ortografia e letra fossem relevadas durante um certo tempo, enquanto aulas de apoio iriam ser realizadas; desta vez usando uma metodologia apropriada para disléxicos. Da cena 02:03:20 até a cena 02:06:43 acompanhamos a evolução de Ishaan durante as aulas dadas pelo professor Ram, que utiliza diversas metodologias criativas, com destaque para a cena exibida acima (02:04:41), onde é feito o uso de um equipamento semelhante ao já mencionado nesse trabalho: a “rampa para o livro”, inventado por Ben Foss, ressaltando a importância que ela possui na vida de pessoas disléxicas.

O final do filme é um grande festival de cores. Ao retomar a vontade de viver, Ishaan retorna à sua paixão pela pintura e ganha a oportunidade perfeita de mostrar seu talento para a escola inteira durante um concurso de pintura realizado pelo professor Ram. O menino ganha o primeiro lugar e prova que sua dificuldade para ler e escrever não o impedia de alcançar seus objetivos. Uma história de superação com o merecido final feliz.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A dislexia não é uma maldição, se bem canalizada ela pode se tornar um dom. Aprender de uma maneira diferente do método tradicional não é motivo de vergonha, apenas revela que cada ser humano é único e deve ser respeitado do jeito que é. Muitos disléxicos hoje são bem sucedidos e atribui este sucesso ao fato de que, para conseguir superar os desafios, tiveram que buscar maneiras alternativas, que acabaram resultando em algo totalmente original e inovador.

O documentário “viagem dentro da dislexia”, assim como o filme “Como estrelas na Terra” mostram a outra face da dislexia, aquela que costuma ser negligenciada. Revelando que a criatividade e inventividade costumam acompanhar os disléxicos, por mais que os preconceitos, principalmente na fase da alfabetização, costumem ser massacrantes, capazes de levar muitos a questionarem as suas próprias capacidades e o papel que devem desempenhar na sociedade.

A escola deve ser um espaço de desenvolvimento, que leve os indivíduos a desejar buscar conhecimento, em vez de os obrigarem a se adequar a um modelo preestabelecido. Disléxicos aprendem no seu próprio ritmo, o que pode se tornar o terror de muitos professores, ainda não preparados para esta realidade, mas é sempre bom lembrar que já existem métodos apropriados para a educação destes alunos, bastando uma maior interação entre professores e a coordenação da escola, junto com o apoio de pais e familiares, para que possa se atingir melhores resultados no ensino.

Existe muito material disponível na internet que esclarece dúvidas sobre a dislexia, assim como bons livros que podem ser usados como fonte de pesquisa. Para os pais e professores que precisam aprender mais sobre esse tema, assim como para os disléxicos que necessitam descobrir mais sobre si mesmo; procurem sempre informação, este é o diferencial entre caminhar perdido no escuro e possuir sentidos aguçados o suficiente para conseguir se orientar. Educar é isto.

Finalizo este trabalho dizendo que: o filme “Como estrelas na Terra” nos mostra uma identificação muito grande entre aluno e professor, algo que

admito ser difícil de obter, principalmente se levarmos em conta a realidade das escolas brasileiras; abarrotadas de alunos e com poucos recursos. Muitos poderiam dizer que isto se trata de uma visão romanceada e que não se aplica na vida real, mas é justamente aí que se encontra o grande fascínio da arte.

Ao nos distanciar um pouco da realidade, a arte nos mostra novos caminhos que antes permaneciam apenas em ideia. Analisar o que a trama do filme tem a nos oferecer, deixando um pouco de lado velhos pessimismos sobre a educação, pode nos trazer a leveza necessária para começarmos a perceber o mundo de outra maneira... quem sabe... como uma criança disléxica ou... talvez... como um flautista mágico. Porque não? O que ainda lhe impede de sonhar?

REFERÊNCIAS

COMO estrelas na Terra: Toda criança é especial. Aamir Khan. Índia: Aamir Khan productions, 2007. 1 DVD (2h 55min).

MASSI, Giselle. **A dislexia em questão**. 2. Ed: Plexus, 2007.

TELLECHEA, Newra Rotta; SANTOS, Rudimar Riego. **Transtornos da aprendizagem: Abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

VIAJEM dentro da dislexia. Alan e Susan Raymond. EUA: HBO Documentary Films, 2011. 1 DVD (1h 17 minutos).

REVISÃO ORTOGRÁFICA

José Jacinto Do nascimento Neto, professor.